

# Desafios enfrentados por mães para praticar o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida da criança

## Challenges faced by mothers in practicing exclusive breastfeeding until the child is six months old

Ernandes Gonçalves Dias<sup>1</sup> , Jéssica Fernandes Ribas<sup>2</sup> , Kelly Cristina da Cruz Silva Barros<sup>2</sup> , Camila Eduarda da Silva Nora Barros<sup>2</sup> , Lyliane Martins Campos<sup>1</sup> , Maiza Barbosa Caldeira<sup>1</sup> 

1. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem, Faculdade Verde Norte (Favenorte), Mato Verde, MG, Brasil. 2. Discente do Curso de Enfermagem, Faculdade Verde Norte (Favenorte), Mato Verde, MG, Brasil.

### Resumo

**Objetivo:** investigar os desafios enfrentados por mães para praticar o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida da criança em uma Estratégia Saúde da Família de um município do norte de Minas Gerais. **Método:** trata-se de um estudo descritivo, qualitativo, realizado com 15 mulheres com idades entre 23 e 42 anos, cujos filhos tinham entre seis meses e dois anos de idade. Os dados foram coletados entre agosto e setembro de 2025 por meio de entrevistas semiestruturadas submetidas à Análise Temática. **Resultados:** o início da amamentação é marcado por desafios físicos, como dor e fissuras mamilares, e obstáculos estruturais, incluindo as internações neonatais e a separação precoce entre mãe e filho. A persistência materna em amamentar é viabilizada por uma rede de apoio composta por profissionais de saúde e familiares. O suporte profissional, com orientações individuais e ações educativas coletivas, foi essencial para fortalecer a autoconfiança e a autonomia das mulheres. Somado a isso, o apoio familiar e a troca de experiências em espaços coletivos mitigam inseguranças e promovem o aleitamento materno exclusivo. **Conclusão:** o sucesso do aleitamento materno exclusivo é um fenômeno condicionado à existência de uma rede de apoio integrada que neutralize os impactos das dificuldades físicas e dos obstáculos estruturais inerentes ao período pós-parto. A persistência materna na amamentação é sustentada pelo equilíbrio entre a competência técnica dos profissionais de saúde e o suporte emocional e prático oferecido pela família e pelos grupos de pares.

**Palavras-chave:** saúde da criança; aleitamento materno; nutrição da criança.

### Abstract

**Objective:** to investigate the challenges faced by mothers in practicing exclusive breastfeeding until the child is six months old within a Family Health Strategy unit in a municipality in northern Minas Gerais. **Method:** this is a descriptive, qualitative study conducted with 15 women aged between 23 and 42 years, whose children were between six months and two years old. Data were collected between August and September 2025 through semi-structured interviews and subjected to Thematic Analysis. **Results:** the beginning of breastfeeding is marked by physical challenges, such as pain and nipple fissures, and structural obstacles, including neonatal hospitalizations and early separation between mother and child. Maternal persistence in breastfeeding is facilitated by a support network comprised of healthcare professionals and family members. Professional support, including individual guidance and collective educational initiatives, was essential to strengthening the self-confidence and autonomy of the women. In addition, family support and the exchange of experiences in collective spaces mitigate insecurities and promote exclusive breastfeeding. **Conclusion:** the success of exclusive breastfeeding is a phenomenon conditioned by the existence of an integrated support network that neutralizes the impacts of physical difficulties and structural obstacles inherent in the postpartum period. Maternal persistence in breastfeeding is sustained by the balance between the technical competence of health professionals and the emotional and practical support offered by family and peer groups.

**Keywords:** child health; breast feeding; child nutrition.

### INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que o Aleitamento Materno Exclusivo (AME) alcance, no mínimo, 70% das crianças nos primeiros seis meses de vida. Contudo, as taxas atuais ainda estão distantes das metas pactuadas pela Organização para 2030, que preveem 70% na primeira hora após o nascimento e nos primeiros seis meses de forma exclusiva; 80% durante o primeiro ano; e 60% aos dois anos de idade<sup>1</sup>.

Apesar dos avanços na promoção do aleitamento materno, a realidade brasileira ainda está distante da ideal. Dados do Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI) mostraram que 45,8% das crianças menores de seis meses são alimentadas exclusivamente com leite materno no Brasil. Esse índice, embora significativo, ainda está aquém da meta estabelecida pela OMS<sup>2</sup>.

**Correspondente:** Ernandes Gonçalves Dias. Av. José Alves Miranda, 500, Alto São João, Mato Verde-MG. CEP: 39527-000. E-mail: ernandesgdias@yahoo.com.br

**Conflito de interesse:** Os autores declaram não haver conflito de interesse

Recebido em: 12 Dez 2025; Revisado em: 23 Fev 2026; 20 Mar 2026; Aceito em: 24 Mar 2026

## 2 Desafios enfrentados por mães para praticar o aleitamento materno

O AME é considerado a forma mais natural e completa de promover o desenvolvimento do recém-nascido, pois supre todas as necessidades fisiológicas dos bebês até os seis meses de vida. Além disso, oferece benefícios que transcendem a nutrição, alcançando aspectos imunológicos e psicossociais<sup>3</sup>.

Reconhecido como uma etapa essencial do ciclo reprodutivo feminino, o aleitamento materno tem benefícios fundamentais para a saúde da mulher e da criança, cujos efeitos positivos se estendem à família e à sociedade. Ao amamentar, a mãe não apenas oferece o alimento ideal ao seu filho, mas também estabelece um vínculo afetivo repleto de significado<sup>4</sup>.

Apesar dos diversos benefícios associados à amamentação, as mães, frequentemente, enfrentam intercorrências que podem dificultar esse processo. Entre os principais obstáculos, citam-se as fissuras mamilares, a mastite e a pega incorreta do bebê ao seio materno, as quais, se não resolvidas adequadamente, podem levar à interrupção prematura do aleitamento<sup>5,6</sup>.

Para enfrentar tais desafios, é essencial que, desde o pré-natal, as lactantes recebam orientações pertinentes, apoio contínuo e informações precisas para prevenir complicações mamárias e evitar o desmame precoce. Ademais, o fortalecimento das redes de apoio contribui para um ambiente em que as mães se sintam seguras para amamentar e buscar auxílio quando necessário<sup>7</sup>.

O interesse por esta investigação surgiu de vivências de três autoras deste estudo que, durante estágios da graduação em Enfermagem, perceberam escassez de intervenções da equipe de saúde voltadas à conscientização das mães acerca da amamentação, especialmente a exclusiva até o sexto mês de vida da criança. Assim, este estudo tem como questão norteadora: quais os desafios enfrentados pelas mães para praticar o AME até os seis meses de vida da criança?

Desse modo, o estudo teve como objetivo investigar os desafios enfrentados por mães para praticar o AME até os seis meses de vida da criança em uma Estratégia Saúde da Família (ESF) de um município do norte de Minas Gerais.

### MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, que adotou os critérios do Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research (COREQ) para a condução do relatório<sup>8</sup>. Foram consideradas elegíveis mulheres com idade igual ou superior a 18 anos, residentes na área de abrangência de uma ESF no norte de Minas Gerais, com filhos com idade entre seis meses e dois anos de idade e funções cognitivas preservadas, verificada pela linguagem e capacidade de localização espacial.

A escolha da faixa etária de seis meses a dois anos para os filhos das mulheres assegura que as informantes já tenham vivenciado o período do AME, permitindo a coleta de dados sobre as dificuldades da amamentação.

O estudo foi realizado em um município de pequeno porte no norte do Estado de Minas Gerais. A ESF estudada está localizada na zona rural, atende 1.226 indivíduos, distribuídos por 441 famílias, dos quais 74 são mulheres com filhos de seis meses a dois anos de idade.

O contato com as potenciais informantes ocorreu em parceria com a equipe de saúde da ESF, que forneceu uma lista das mulheres com filhos com idade entre seis meses e dois anos com o endereço e o contato. De posse dessa relação, as mulheres foram selecionadas aleatoriamente e sondadas via ligação telefônica acerca do interesse em participar do estudo. Foram retiradas do estudo as mulheres não localizadas após três tentativas de contato.

Os dados foram coletados entre agosto e setembro de 2025, por três pesquisadoras, graduandas em enfermagem treinadas previamente, por meio de uma entrevista aplicada individualmente às mulheres que atenderam aos critérios de seleção do estudo. As entrevistas foram realizadas na residência das informantes, em espaço privativo, em data e horário previamente acordados. Tiveram duração média de 15 minutos, com dados coletados até a obtenção de saturação teórica dos dados. Foram gravadas em áudio através de um dispositivo de voz, transcritas na íntegra e apresentadas às mulheres para a validação do conteúdo.

O roteiro da entrevista contou com as seguintes questões norteadoras: Que dificuldades você encontrou para amamentar exclusivamente seu bebê? Quais foram suas fontes de apoio para amamentar? Como elas o(a) ajudaram na amamentação? O material empírico foi organizado em uma planilha de texto da Microsoft Office Word e submetido à Análise Temática, seguindo as etapas: preliminarmente, coleta, transcrição manual e literal das entrevistas, e familiarização com o dado a partir de leituras repetidas do material, seguida por acomodação dos dados em instrumento de análise, identificação das unidades de contexto, núcleos de sentido e dos temas com aplicação de análise vertical e horizontal<sup>9</sup>. A análise fundamentou-se no arcabouço da Rede de Apoio Social e na Humanização da Assistência<sup>10,11</sup>.

Os procedimentos metodológicos do estudo obedeceram aos preceitos éticos da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi submetido ao instrumento de autoavaliação de projetos de investigação envolvendo seres humanos<sup>12</sup> e à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros, sendo aprovado pelo Parecer nº 7.704.003 e CAAE nº 89951925.5.0000.5146. As informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para preservar a identidade das informantes, os nomes foram substituídos por pseudônimos seguidos da idade. O material empírico possibilitou a identificação de dois temas para análise: “Obstáculos encontrados pelas mães para amamentar exclusivamente até os seis meses de vida” e “Redes de apoio às mulheres: intervenções da equipe de saúde e a influência do

### 3 Desafios enfrentados por mães para praticar o aleitamento materno

suporte familiar no AME”.

#### RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo foi realizado com 15 mães de crianças com idade entre seis meses e dois anos, cadastradas em uma ESF de um município do norte de Minas Gerais. As informantes tinham entre 23 e 42 anos de idade, autodeclararam-se pretas ou pardas, casadas, com ocupações do lar, lavradoras e monitora de transporte escolar. A renda mensal variou de nenhuma a R\$1.500, e a escolaridade compreendeu desde o ensino fundamental incompleto até o ensino médio completo.

#### Obstáculos encontrados pelas mães para amamentar exclusivamente até os seis meses de vida

As mulheres relataram, como principais dificuldades para o início da amamentação, a pega incorreta do bebê, fissuras mamilares, processos inflamatórios, dor e ingurgitamento mamário. Esses problemas, mais frequentes nos primeiros dias após o parto, causaram desconforto, insegurança e sofrimento físico, dificultando a adaptação ao processo. Apesar disso, os relatos evidenciaram persistência e superação, impulsionadas pelo desejo de oferecer o melhor cuidado aos filhos.

[...] no início teve aquela dificuldade da pega, meu peito rachou, teve maior sofrimento, mas depois desse momento foi tranquilo, foi ótimo, foi a melhor coisa [...]. Jaqueline, 27.

A minha experiência foi muito boa, porém, nos primeiros dias, eu tive um pouco de dificuldade com as mamas, que inflamou bastante [...]. Aquela dor insuportável, mas a gente tenta fazer o melhor pros nossos filhos e forçar a dar mesmo, a mama pra pegar. Natalia, 28.

O principal desafio foi que sempre ardia quando a bebê chupava o seio. Carla, 30.

Tive ingurgitamento e febre no início, mas sem fissuras. Consegui amamentar exclusivamente [...]. Maria Eduarda, 24.

O aleitamento materno frequentemente impõe desafios, sobretudo para as mães primíparas. Os entraves rotineiros relacionam-se à dor mamária, às fissuras, aos processos inflamatórios e à insegurança emocional nos primeiros dias após o parto. Tais fatores dificultam a adaptação ao processo e podem gerar medo ou dúvidas quanto à capacidade de nutrir o recém-nascido<sup>7</sup>.

Nesse sentido, as mães devem ser orientadas de que o posicionamento da criança durante a mamada é fundamental para um reflexo de pega e sucção eficiente; assim, o manejo correto do binômio constitui uma estratégia essencial na prevenção de lesões mamárias<sup>13</sup>.

Uma revisão de literatura sobre os desafios enfrentados durante o aleitamento materno observou a ocorrência de dificuldades emocionais e fisiológicas que comprometem a continuidade da amamentação. Entre as dificuldades catalogadas, destacaram-se a insegurança, dor mamária, as mudanças anatômicas e o cansaço materno<sup>14</sup>.

Apesar desses desafios, a motivação materna e o vínculo afetivo com o bebê, estabelecido desde o primeiro momento do parto, favorecem a superação das adversidades e a manutenção do aleitamento por períodos mais prolongados<sup>15</sup>.

Houve, ainda, relatos de obstáculos estruturais relacionados às condições do parto e à eventual internação do recém-nascido. Mulheres que vivenciaram tais situações enfrentaram o atraso na descida do leite, a separação precoce e a impossibilidade de amamentar nos primeiros dias devida do bebê. Essas experiências evidenciam que fatores externos e condições clínicas geram frustração diante do desejo de amamentar, tornando o início do processo ainda mais desafiador, especialmente após partos cirúrgicos ou recuperações dolorosas.

[...] fiz cesárea, e meu leite, nos primeiros três dias, não veio. Aí eu tive dificuldade para amamentar, e a minha neném estava com fome. Bruna, 32.

[...] o principal desafio foi o bebê ter ido para a UTI. Eu queria ter amamentado até os seis meses, que é o recomendado, mas não consegui. Isso me deixou chateada e triste. Beatriz, 19.

O maior desafio foi a cesariana, [...] tinha dificuldade para ficar sentada ou deitada, isso atrapalhava a amamentação. Ana, 34.

A separação entre mãe e recém-nascido, especialmente quando o bebê necessita de internação em unidade neonatal, é apontada como um dos fatores que mais comprometem o estabelecimento do vínculo afetivo e o sucesso do aleitamento materno. O afastamento físico e o estresse emocional da puérpera tendem a reduzir a produção de leite e dificultar o início da amamentação<sup>14</sup>.

As vivências de mães com bebês internados em unidade neonatal costumam ser marcadas por sentimentos de distanciamento, sofrimento emocional e insegurança quanto à capacidade de cuidar do filho. A internação do recém-nascido em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) pode dificultar o estabelecimento do vínculo entre mãe e bebê, reduzindo as taxas de AME ou de aleitamento parcial após a alta hospitalar<sup>16</sup>.

Um estudo realizado com puérperas e profissionais de enfermagem de uma maternidade do interior do Rio de Janeiro investigou os fatores que dificultam a amamentação na primeira hora de vida e identificou obstáculos clínicos, como partos cesarianos e encaminhamento de recém-nascidos à UTI; e falhas institucionais, incluindo a ausência de protocolos para o

#### 4 Desafios enfrentados por mães para praticar o aleitamento materno

contato pele a pele imediato, como entraves à amamentação<sup>17</sup>.

##### **Redes de apoio às mulheres: intervenções da equipe de saúde e a influência do suporte familiar no AME**

Os discursos mostraram que o acompanhamento realizado pelos profissionais de saúde, com orientações sobre a pega correta, o posicionamento do bebê, a frequência das mamadas e os cuidados com as mamas, foi destacado como um fator contribuinte para prevenir complicações e fortalecer a confiança das mulheres, principalmente no pós-parto, quando as mães enfrentam mais dúvidas e inseguranças. O suporte técnico e emocional, proporcionado no pré-natal e após o parto, garantiu o esclarecimento de dúvidas e o incentivo ao AME, elementos fundamentais para o sucesso da amamentação.

[...] os enfermeiros do hospital deram orientação sobre a pega correta e incentivaram a insistir na amamentação. Carla, 30.

A enfermeira do posto me orientava muito na questão da pega, de como colocar o bebê, arrotar ao final de cada mamada [...]. Maria Eduarda, 24.

As orientações foram dadas principalmente na maternidade, sobre a pega correta do seio e a importância do leite materno. Fernanda, 29.

[...] tive uma médica muito boa no meu pré-natal. Então ela sempre me orientava, sempre falava. Julie, 28.

As orientações sobre o posicionamento adequado do bebê, a pega e o intervalo das mamadas são fundamentais para prevenir intercorrências mamárias e garantir a efetividade do aleitamento. O acompanhamento contínuo dos profissionais de saúde reduz a insegurança materna e fortalece o vínculo entre mãe e filho<sup>18</sup>.

A participação efetiva desses profissionais no processo de amamentação contribui para o empoderamento e a segurança da mulher, visto que orientações constantes sobre as etapas do aleitamento minimizam dificuldades e promovem maior autonomia na prática<sup>19</sup>.

Um estudo realizado em instituições hospitalares no Sudoeste do Paraná, com 305 puérperas, observou que o acompanhamento e as orientações relativas ao aleitamento materno, oferecidos tanto no pré-natal quanto no pós-parto, foram associados a melhores práticas de amamentação. Nesse estudo, quase metade das participantes amamentava exclusivamente, e a maioria pretendia manter a amamentação em livre demanda, evidenciando a relevância do suporte técnico e educativo na adaptação ao aleitamento<sup>20</sup>.

Além das orientações individuais, a equipe de saúde atuou por meio de ações educativas coletivas, que ampliaram o conhecimento e fortaleceram a autoconfiança das mulheres.

Palestras, rodas de conversa e encontros de gestantes foram mencionados como espaços de aprendizado e troca de experiências, nos quais as mulheres puderam compartilhar vivências e apoio mútuo. Assim, tais práticas educativas revelaram-se fundamentais para consolidar o AME, o empoderamento materno e a autonomia no cuidado com o bebê.

[...] realizaram palestras, conversas sobre a vivência da amamentação e deram apoio constante. O mais significativo foi a presença e atenção contínua. Gisele, 24.

[...] houve palestras e orientações na maternidade, que ajudaram bastante no processo. Fernanda, 29.

[...] a equipe de saúde fez palestras e rodas de conversa sobre a vivência da amamentação, isso ajudou no aprendizado e na confiança que tenho [...]. Michelle, 29.

A promoção do aleitamento materno depende da escuta ativa, do esclarecimento de dúvidas e do fortalecimento do vínculo com a gestante, práticas que devem ocorrer de forma contínua, iniciando-se no pré-natal e estendendo até o pós-parto<sup>21</sup>.

A realização de palestras, rodas de conversa e grupos de apoio tem se mostrado eficaz no incremento das taxas de amamentação exclusiva, pois essas estratégias promovem espaços de aprendizado, autoconfiança e intercâmbio de vivências entre as gestantes e as puérperas<sup>22,23</sup>.

Uma ação de extensão realizada em Cajazeiras, Paraíba, com 45 participantes, com o objetivo de desenvolver atividades educativas para fortalecer a promoção da saúde materno-infantil, realizou atividades como palestras e rodas de conversa que se mostraram um espaço acolhedor para troca de experiências, esclarecimento de dúvidas e construção coletiva de conhecimento. Essas intervenções favoreceram a segurança durante a gestação e o pós-parto, ampliaram a autonomia das mulheres e incentivaram práticas de cuidado mais conscientes com o recém-nascido<sup>24</sup>.

As vivências compartilhadas, mediadas pelos profissionais de saúde, configuraram espaços coletivos de escuta e convivência. Esses momentos, pautados no acolhimento e no fortalecimento emocional, foram reconhecidos como uma rede de apoio essencial para o enfrentamento dos desafios da amamentação. A interação com os profissionais e com outras mães proporcionou segurança, incentivo e empatia, reforçando a importância do suporte técnico e afetivo integrado à rotina do cuidado materno-infantil.

[...] eu como era mãe de primeira viagem, não tinha muita experiência; ali, naquela roda de comunicação entre mães, uma passava ideia para outra, e isso foi fundamental. Jaqueline, 27.

## 5 Desafios enfrentados por mães para praticar o aleitamento materno

Realizaram conversas sobre a vivência da amamentação e deram apoio constante. O mais significativo foi a presença e a atenção contínua. Gisele, 24.

[...] houve espaços de troca de vivência organizados pela equipe de saúde, [...] teve roda de conversa sobre sua vivência de amamentar das gestantes com a mulheres já mãe. Michelle, 29.

A escuta ativa e o acolhimento realizados por profissionais de saúde em rodas de conversa potencializam a autoconfiança materna e a capacidade de autocuidado, aspectos fundamentais para o êxito do aleitamento. Ao assumir um papel de mediação, o profissional transforma esses encontros em oportunidades de empoderamento e apoio mútuo entre as mães<sup>25</sup>.

As rodas de conversa e as oficinas entre gestantes e puérperas são espaços privilegiados para troca de experiências e saberes práticos. Nesses encontros, a mulher que já vivenciou o puerpério compartilha estratégias cotidianas acerca da amamentação e do manejo de angústias, isso reduz inseguranças e fortalece a autoconfiança das gestantes. A interação entre pares também amplia a rede de apoio social e pode contribuir para melhor adaptação no pós-parto<sup>26</sup>.

Um estudo realizado em uma Unidade de Saúde de Belém, Pará, com 19 puérperas que participavam semanalmente de rodas de conversa coordenadas por profissionais de saúde observou que as vivências compartilhadas constituíam um espaço coletivo de escuta e troca emocional. Essas atividades permitiram que as mulheres sanassem dúvidas sobre a amamentação, recebendo orientação técnica e apoio afetivo que fortaleceram o vínculo social<sup>27</sup>.

Os relatos evidenciaram que, além do apoio profissional e dos pares, o suporte familiar exerceu papel fundamental na manutenção da amamentação. O envolvimento de companheiros, mães e avós foi decisivo para que as mulheres se sentissem acolhidas, seguras e fortalecidas física e emocionalmente durante o processo de amamentação. O auxílio nas tarefas domésticas, o cuidado com o recém-nascido e o incentivo nos momentos de exaustão proporcionaram alívio físico e conforto psicológico, criando um ambiente favorável à persistência na amamentação.

[...] meu marido me ajudava bastante quando eu estava cansada. Ele falava pra eu não desistir, que logo ia melhorar. Julie, 28.

Minha família foi muito importante, principalmente minha mãe, que me apoiou e ajudou nas decisões relacionadas à alimentação do bebê. Daniela, 30.

Minha mãe e minha avó me ajudaram bastante. Quando eu ficava cansada, elas cuidavam da bebê pra eu descansar um pouco. Carla, 30.

[...] minha mãe e meu esposo me ajudaram nos afazeres, ficaram exclusivamente comigo pra me apoiar. Maria Eduarda, 24.

A presença de uma rede de apoio sólida, composta por familiares e profissionais de saúde, é essencial para que a mulher se sinta acolhida, segura e fortalecida no processo de amamentação. Essa rede de apoio contribui tanto com a ajuda em tarefas do cuidado quanto com o apoio emocional e, assim, favorece a superação das dificuldades inerentes ao período pós-parto<sup>28</sup>.

A família pode apoiar a mulher nas tarefas domésticas e no cuidado com outros filhos, além de auxiliar na oferta de alimentos e incentivar o aleitamento. Essa colaboração reduz a sobrecarga materna e facilita a adaptação à rotina da amamentação. O apoio cotidiano proporciona maior tranquilidade e confiança à nutriz, e favorece a manutenção do AME<sup>29</sup>.

Um estudo realizado com 162 puérperas em João Pessoa, Paraíba, para verificar a influência da presença de companheiro na manutenção do AME, observou que mulheres com apoio efetivo do companheiro mantiveram o AME por mais tempo, atingindo uma mediana de 120 dias. Em contrapartida, a ausência desse suporte foi associada ao risco de desmame precoce. Esses achados reforçam que a presença ativa do parceiro, combinada com o suporte familiar, fortalece a mãe no pós-parto, reduz inseguranças e contribui para a continuidade da amamentação<sup>30</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as mães reconheçam a importância do AME, fatores físicos, emocionais e sociais dificultaram sua continuidade. Fissuras, dor, ingurgitamento e insegurança foram os obstáculos mais frequentes no pós-parto; contudo, o desejo de amamentar destacou-se como força motivadora para superar tais desafios. Ademais, condições não fisiológicas da lactação, como a internação do recém-nascido, influenciaram negativamente a experiência materna.

As intervenções da equipe de saúde mostraram-se decisivas para o sucesso do AME. As orientações técnicas dos profissionais de saúde, aliadas ao apoio emocional, reduziram as inseguranças. Além disso, ações educativas coletivas fortaleceram vínculos, estimularam trocas e ampliaram a autonomia das mulheres, caracterizando-se como espaços de partilha que aumentaram a confiança e o bem-estar materno. A presença ativa de familiares, com suporte em atividades de cuidado, incentivo e acolhimento, favoreceu a manutenção da amamentação.

Assim, o sucesso da amamentação é um fenômeno condicionado à existência de uma rede de apoio integrada, que neutralize os impactos das dificuldades físicas e dos obstáculos estruturais inerentes ao período pós-parto. A persistência materna é sustentada pelo equilíbrio entre a competência técnica dos profissionais de saúde e o suporte emocional e prático oferecido pela família e pelos pares. Dessa forma, a amamentação

## 6 Desafios enfrentados por mães para praticar o aleitamento materno

deixa de ser vista apenas como um ato biológico isolado para ser compreendida como um processo social complexo, cuja viabilidade depende de políticas e práticas humanizadas que fortaleçam o empoderamento feminino.

O estudo apresenta como limitações a abrangência territorial e a coleta de dados realizada por meio de um instrumento elaborado pelos próprios pesquisadores. Ainda assim, permitiu

compreender os fatores que influenciam o AME e reforça a necessidade de capacitação contínua dos profissionais, protocolos assistenciais ajustados à realidade local, como de contato pele a pele, incentivado desde o pré-natal, acompanhamento domiciliar, fortalecimento de grupos de pares e ações educativas permanentes, visto que a promoção do AME exige conhecimento, acolhimento e uma rede de apoio sólida e estruturada.

## REFERÊNCIAS

1. Levy B. Pesquisa revela dados inéditos sobre amamentação no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 2021.
2. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aleitamento materno: prevalência e práticas de aleitamento materno em crianças brasileiras menores de 2 anos 4: ENANI 2019. Rio de Janeiro: UFRJ; 2021. 108p.
3. Carvalho LM, Passos SG. Os benefícios do aleitamento materno para a saúde da criança: revisão integrativa. *Rev Col Cient.* 2021 Jan-Jun; 5(9): 70-87. doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5117748>.
4. Palheta QA, Aguiar MF. Importância da assistência de enfermagem para a promoção do aleitamento materno. *REAEenf.* 2021 Jan; 8: e5926. doi: <https://doi.org/10.25248/reaenf.e5926.2021>.
5. Dias EG, Santos EF, França VC, Campos LM, Caldeira MB. Investigação do aleitamento materno com foco sobre a exclusividade dessa prática no primeiro semestre de vida da criança, em um município do norte de Minas Gerais. *J. Health Biol Sci.* 2024; 12(1): 1-6. doi: <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v12i1.5076.p1-6.2024>.
6. Steffens SM. Problemas precoces e tardios no aleitamento materno. *Rev. Contemp.* 2024; 4(9): 1-12. doi: <https://doi.org/10.56083/RCV4N9-074>.
7. Dias EG, Sena EP, Sampaio SR, Bardaquim VA, Campos LM, Araújo RA. Estratégias de promoção do aleitamento materno e fatores associados ao desmame precoce. *J. Health NPEPS.* 2022 Jan-Jun; 7(1): e6109. doi: <http://dx.doi.org/10.30681/252610106109>.
8. Tong A, Sainsbury P, Craig J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *Int J Qual Health Care.* 2007; 19(6): 349-57. doi: <https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042>.
9. Dias EG, Mishima SM. Análise temática de dados qualitativos: uma proposta prática para efetivação. *Sustinere.* 2023; 11(1): 402-11. doi: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2023.71828>.
10. Juliano MC, Yunes MA. Reflections on the social support network as a mechanism for the protection and promotion of resilience. *Ambient. soc.* 2014; 17(3): 135-52. doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300009>.
11. Oliveira BR, Collet N, Viera CS. A humanização na assistência à saúde. *Rev Latino-am Enfermagem.* 2006; 14(2): 277-84. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000200019>.
12. Dias EG. Proposta de instrumento para autoavaliação de projetos de pesquisa envolvendo seres humanos. *Rev. Grad. USP.* 2020; 4(1): 139-45. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-376X.v4i1p139-145>.
13. Pereira G, Campos GS, Pereira CS, Silva DL, Oliveira LC, Carvalho TA et al. Reflexões sobre o aleitamento materno na saúde bucal infantil e na realidade materna: uma revisão narrativa. *RSD.* 2021; 10(14): e211101421988. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i14.21988>.
14. Barreto EM, Ferreira GS, Botelho RM. Amamentação: os desafios apresentados pelas puérperas e as contribuições da enfermagem. *Revista JRG.* 2022; 6(13): 1892-1905. doi: <https://doi.org/10.55892/jrg.v6i13.780>.
15. Silva FE, Barros JY, Rodrigues JR, Fillos A, Pacheco RK, Kurzydlovski IC, et al. O papel da amamentação e do suporte profissional no desenvolvimento infantil. *PBPC.* 2025; 4(1): 2577-2587. doi: <https://doi.org/10.36557/pbpc.v4i1.320>.
16. Rodrigues BMS, Melo EP, Nascimento IRC. Fortalecendo laços em tempos difíceis: repercussões da UTI neonatal no vínculo mãe-bebê. *Rev. SBPH.* 2025; 28: e009. doi: <https://doi.org/10.57167/Rev-SBPH.2025.v28.710>.
17. Góes FG, Sá AC, Souza AN, Soares IA, Lucchese I, Terra NO. Factors intervening in breastfeeding in the first hour of life on the maternity ward. *Rev. enferm. UERJ.* 2022 Dez; 30(1): e698387. doi: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2022.69838>.
18. Ferreira AS, Leonel BA, Gomes CB, Cavalheira AP. Conhecimento de mães e gestantes sobre o aleitamento materno. *Braz. J. Develop.* 2023 Maio; 9(5): 16284-301. doi: <https://doi.org/10.34117/bjdv9n5-120>.
19. Moraes EP, Mangueira SO, Perrelli JG, Rodrigues BH, Gomes RC. Avaliação do diagnóstico de enfermagem amamentação ineficaz em puérperas. *Rev Cubana Enfermería.* 2020; 36(1): e3112.
20. Costa LD, Possatto A, Battisti GP, Vieira MT. Aleitamento materno: fatores associados e impactos da assistência. *Rev Recien.* 2025 Jun; 15(43): 257-6. doi: <https://doi.org/10.24276/rrecien2025.15.43.257>.
21. Silva S, Moreira E, Timoteo E, Lima W, Batista J, Farias A. Fortalecimento do aleitamento materno na Atenção Básica: experiência interdisciplinar [Internet]. *Cad. Imp. Ext.* 2024 [acesso 14 Out 2025] Abr; 4(3): 1-5. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cite/article/view/6304/3829>.
22. Silva VF, Alves MG, Albuquerque RR, Sousa JA Neto, Sousa CR. Ação educativa em unidade básica de saúde: um relato de experiência. *Rev. Expr. Catól.* 2022 Nov; 11(esp): 14-18. doi: <https://doi.org/10.25190/rec.v11iEspecial.86>.
23. Ribeiro FO, Oliveira GM, Rios JV, Castro AA. A importância da assistência de enfermagem no aleitamento materno. *RSV.* 2025; 5(1): 1-17. doi: <https://doi.org/10.61164/rsv.v5i1.3790>.
24. Leite IR, Bezerra AB, Figueiredo AA, Maciel CN, Assis EF, Andrade ES. et al. Promoção de saúde para gestantes e puérperas [Internet]. *Cad. Imp. Ext.* 2024 [acesso 27 Out 2025]; 5(2): 1-4. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cite/article/view/2824/2630>.
25. Nascimento DS, Nascimento DS, Silva VF, Belarmino CM, Lago VC. Assistência de enfermagem ao pré-natal na atenção básica: uma revisão integrativa [Internet]. *Rev Art. Com.* 2021 [acesso 07 Nov 2025]; 27: e7219. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/7219/4496>.
26. Lins AN, Feitosa JK, Ribeiro DU, Lima AC, Siqueira MR, Vasconcelos CS. Impactos de uma roda de conversa entre gestantes e acadêmicos de medicina. *RSD [Internet].* 2023; 12(3): e24312340704. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i3.40704>.
27. Lamas TK, Silva EB, Silva LS, Porto SO, Pastana EC. A importância da rede de apoio no processo de amamentação para lactentes e puérperas. *REMS.* 2021 Dez; 2(4): 207. doi: <https://doi.org/10.51161/remss/2973>.

## 7 Desafios enfrentados por mães para praticar o aleitamento materno

28. Silva EA, Do Ó TALF, Spinelli CB, Vasconcelos TR, Lima JR, Simões VS. et al. Práticas educativas em saúde de aleitamento materno exclusivo: um estudo em UTI neonatal. *Braz. J. Implantol. Health Sci.* 2023 Jun; 5(3): 575-608. doi: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n3p575-608>.
29. Skupien SV, Souza SRRK, Wall ML, Trigueiro TH Prandini NR, Ferreira CB. Social network to support women in breastfeeding: integrative review. *R. Enferm. Cent. O. Min.* 2022 Nov; 12: e4348. doi: <https://doi.org/10.19175/recom.v12i0.4348>.
30. Silva LK, Viana MA, Oliveira SF, Lima RL, Vianna RP. Exclusive breastfeeding: does the presence of a partner have a positive impact on its duration? cohort study. *Rev. Bras. Saude Mater. Inf.* 2025; 25: e20240135. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9304202500000135>.

### Como citar este artigo/ How to cite this article:

Dias EG, Ribas JF, Barros KCCS, Barros CESN, Campos LM, Caldeira MB. Desafios enfrentados por mães para praticar o aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida da criança. *J Health Biol Sci.* 2026; 14(1): e6212